# Catálogo de autores da Filosofia da Tecnologia - primeira lista - 11/07/2021

Traremos resenhas de autores ligados à filosofia da tecnologia a partir das  
obras \_Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas\_, organizada  
pelo Jelson Oliveira a partir de textos da ANPOF (Caxias do Sul, RS: Educs,  
2020) e \_Filosofia da tecnologia: um convite\_ , organizado por Cupani  
(Florianópolis: Editora da UFSC, 2016).  
  
Da primeira obra, foram analisados seis autores até agora: Gunther Anders,  
Juan David García Bacca, Albert Borgmann, Mario Bunge, Georges Canguilhem e  
Gilles Deleuze. Da segunda, trata-se de Ortega y Gasset, Heidegger, Arnold  
Gehlen, Simondon e Lewis Mumford. São visões panorâmicas e delas destacamos o  
que mais nos chamou a atenção até agora.  
  
\*\*Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas.\*\*  
  
\_Gunther Anders\_ traz uma visão \_antropológica\_ de um \_ser humano sem mundo\_ ,  
que nasce sem um lugar e que esse deve ser construído pela técnica misturando  
\_antropogênese\_ e \_tecnogênese\_. Mas, da evolução técnica para a tecnologia,  
podemos acabar em um \_mundo sem ser humano\_ , dados os exemplos de usos  
perversos do conhecimento que podem juntar \_niilismo\_ e nossa \_aniquilação\_ ,  
isto é, seu conceito de \_aniilismo\_. Anders também aborda nossa  
\_obsolescência\_ perante a tecnologia e a criação de uma \_Technature\_ que nos  
torna \_objetos da técnica\_. Se caracterizado na vertente \_determinista\_ e  
preocupado com a \_ontologia tecnológica\_ , aponta que a \_criatividade\_ pode  
ter um papel importante nesse cenário.  
  
\_Juan David García Bacca\_. Em linhas gerais, nos parece que Bacca faz um  
\_elogio da técnica\_ entendendo a realidade de modo \_tecnocêntrico\_ e a  
superação do natural pelo artificial, que tudo transforma em artefatos. É como  
se a técnica trouxesse uma \_ordem artificial e humanizadora\_ ao Universo, de  
acordo com os propósitos do homem. Relevante para ele é a \_criatividade\_ , que  
é tratada como uma \_potência criadora\_ com característica metafísica, um \_fim  
supremo\_.  
  
\_Albert Borgmann\_ é filiado a Heidegger com seu \_paradigma do dispositivo\_ e  
olhar para a \_essência do tecnológico\_ de um ponto de vista metafísico. Em sua  
análise, a tecnologia nos afasta da realidade e das questões essenciais, que  
são as \_práticas focais\_ que usam a tecnologia como meio. Borgmann aponta  
problemas no \_pós-modernismo\_ tecnológico que se caracteriza pela  
\_hipermodernidade\_ do \_universo cibernético irreal\_ e que deveria ser  
combatido por \_relações incorporadas\_ , pela refutação do imediatismo e uma  
\_análise ética\_ da internet e da quantidade de informação recebida. Mas é uma  
\_visão otimista\_ que busca o equilíbrio na adoção tecnológica e que em um  
ponto se aproxima da visão cristã de \_engajamento comunitário\_ e cuidado com o  
outro.  
  
\_Mario Bunge\_ tem uma \_visão otimista\_ da tecnologia, como campo de  
conhecimento associado ao científico, metódico e controlado, para \_produção de  
artefatos eficientes\_ a partir de recursos naturais e sociais e que se  
aperfeiçoa. Também contribuem \_criatividade e inovação\_ , mas o conhecimento  
tecnológico, espalhado nas várias, transforma lei científica em enunciado  
prático. Enfatiza-se a \_tecnologia da informação\_ , embora ele seja \_crítico  
da equiparação do cérebro com um computador\_. Vinculado à \_tradição  
iluminista\_ , embora veja os excessos da tecnologia, não foca neles.  
  
\_Georges Canguilhem\_. Aqui trata-se de um \_estudo de caso\_ da técnica de  
gestação de fetos por máquinas, \_ectogênese, \_que, se sujeita a \_questões  
éticas\_ , seria defendida por Canguilhem na linha de Descartes. Além disso,  
mostra o papel de retrovírus em tais experimentos, \_vírus que competem com o  
homem na hegemonia do planeta\_ , mas muito pelo cultivo em populações humanas  
que os mantêm e transmitem. Por fim, a \_vida como experiência maquínica\_  
mostra que há uma continuidade entre a vida e o homem por meio da técnica.  
  
\_Gilles Deleuze\_. Partindo dos conceitos deleuzianos, já que Deleuze não tem  
propriamente uma teoria sobre a técnica, há o \_ponto de vista ontológico\_ pelo  
\_estatuto da diferença\_ : “o Ser é unívoco e imanente à multiplicidade dos  
entes como diferença”. É a \_noção virtual-atual\_ fundamental da diferença como  
devir, atualização do virtual dentro do campo imanente. Similarmente, a  
tecnologia não se esgota no tecnológico, posto que há a \_imanência técnica\_ ,  
um modo nosso de ser, epistêmico, que expressa uma \_multiplicidade  
tecnológica\_. É a técnica o campo de sentido que permite a compreensão  
tecnológica que tem \_uma produção planejada e outra impensada\_ , diferencial.  
A tecnologia se aproxima da multiplicidade e a técnica da univocidade, mas  
numa relação imanente pois \_a técnica é unívoca\_ como sentido de nossa época,  
expressada na multiplicidade dos entes tecnológicos.  
  
\*\*Filosofia da tecnologia: um convite.\*\*  
  
\_Ortega y Gasset\_ fala de técnica e \_produção\_ , trazendo o \_raciovitalismo\_  
em que a razão responde \_necessidades vitais\_ por um \_ato de liberdade\_. Além  
disso, os atos técnicos superam a satisfação pela produção resultado do  
\_projeto\_ que obtém o que não há, gerando uma \_sobre natureza\_. Porém, para  
ele, visando o viver bem, produzimos o supérfluo e vamos progredindo de acordo  
com \_circunstâncias\_ , já que \_a vida não é dada\_ , é um constante problema  
onde o homem está na \_situação de técnico\_. Ortega y Gasset faz uma distinção  
em épocas, partindo dos primórdios onde as invenções se dão por acaso, depois  
na Grécia, Roma e Idade Média, há a técnica dos artesões e produção de  
instrumentos até o século XX, onde a técnica já não é natural e predomina o  
\_império das máquinas\_. É aí que ele faz uma crítica dizendo que a plenitude  
tecnológica pode levar ao \_vazio existencial\_.  
  
\_Heidegger\_ faz uma passagem da técnica tradicional para a moderna. Na  
primeira, há noções gregas como o \_telos\_ (finalidade) que faz com que uma  
coisa surja, além da noção irrefletida de \_causa e efeito\_ , ou a \_poiesis\_  
(produção) que traz à presença algo que há ocorre na \_physis\_ (natureza). Já  
na segunda, desafiamos a natureza para que ela se torne disponível ao homem.  
Se os antigos cuidavam da natureza, agora a técnica tem por objetivo \_desafiá-  
la para que forneça algo para o homem\_. Nessa, até o homem deve ficar  
disponível, mas, conforme destaca Cupani, para Heidegger ainda haveria uma  
\_liberdade de resistência\_. Mas, as teses metafísicas e linguagem obscura do  
autor dificultam a nossa compreensão.  
  
\_Arnold Gehlen\_ mostra, de um ponto de vista \_antropológico\_ , que nos  
valemos das técnicas para \_transformar a natureza\_ e isso fazendo parte de  
nossa \_essência\_ , já que carecemos de órgãos e instintos de adaptação ao  
ambiente. Contudo, o caminho da técnica é de substituir o orgânico pelo  
\_inorgânico\_ , que é mais fácil de conhecer racionalmente e experimentalmente  
e em linha com o \_modo de produção capitalista\_. Ele mostra que há, também,  
uma técnica sobrenatural, a \_magia\_ que, junto com a técnica, visam facilitar  
a ação humana e evoluem da ferramenta para a máquina, que dispensa energia  
humana, até o autômato, com processos autorregulados. Há, nesse caminho  
\_iluminista\_ , uma \_cultura das máquinas\_ e que leva a indústria a viver da  
\_obsolescência das mercadorias\_ e tem como efeitos um \_prejuízo à nossa  
dimensão emotiva\_ pois, até a Revolução Industrial, nosso contato com o mundo  
orgânico trazia dependência das forças naturais e, depois dela, a prioridade  
do inorgânico não suscita um \_padrão moral\_ que traz consequências negativas  
para nossa alma. Contudo, como bom conservador, o autor não aponta soluções,  
segundo Cupani.  
  
\_Simondon\_ trata da \_gênese do objeto técnico\_ que evolui \_do abstrato ao  
concreto\_ se aperfeiçoando, do artesanal e instável ao industrial, \_mantendo  
como essência a técnica\_. Quando concreto, se torna independente e se aproxima  
do objeto natural, todo esse processo mostrado pela \_cultura técnica\_ que  
esquematiza o funcionamento dos objetos. Ele enumera três níveis no mundo  
técnico: elementar, quando o avanço não ameaça hábitos tradicionais, a era da  
termodinâmica e por fim a \_era da informação\_ que regula e estabiliza o mundo.  
Para ele, a evolução técnica é análoga a de um ser vivo onde ocorre a criação  
de um meio para o objeto. Porém, a filosofia deve tentar compreender a \_índole  
dos objetos técnicos\_ por meio de um \_ensino de iniciação à técnica\_ que forme  
pessoas capazes de entender a natureza das máquinas e que permita superar  
nossa \_angústia\_ atual frente às máquinas e compreender os objetos como  
\_portadores de informação\_ , sua história, como resolveram problemas e como o  
homem foi estabelecendo uma relação prática com o mundo.  
  
\_Lewis Mumford\_ trata da \_mecanização\_ , que é um \_ritmo da máquina\_ que nos  
afasta do \_mundo real\_ por meio de \_abstrações\_ e é favorecida pela  
\_associação entre a técnica e o capitalismo\_ , porém mais em proveito  
particular. Nas etapas do desenvolvimento tecnológico que ele enumera,  
passamos inicialmente pelas invenções mecânicas que nos levam a \_deixarmos de  
ser o motor energético\_ e enriquecem nossa vida, para um período da \_indústria  
inorgânica\_ baseada em carvão e ferro que degrada a vida humana pela  
\_exploração e depauperação das pessoas\_. Há então uma \_mudança axiológica\_ que  
traz aceleração do tempo em busca de ganho para chegarmos no uso da  
eletricidade e ligas metálicas que, entre conquistas, problemas e  
compensações, suscita a questão do \_papel da máquina\_ no melhoramento da  
existência humana. Para Mumford, \_a máquina\_ é o processo tecnológico como um  
todo, pela nossa mente permitindo a criação de artefatos, desde o surgimento  
da civilização, mas que \_concentra poder e dominação\_. Pois que é o \_mito da  
máquina\_ , então, que nos conduz a uma \_megamáquina\_ constituída de seres  
humanos e o \_impulso obsessivo de controlar natureza\_ que pode nos eliminar.  
Diante disso, precisamos de um \_modelo diferente de vida\_ para superar essa  
condição derivado não das máquinas, mas dos organismos vivos e dos complexos  
orgânicos (ecossistemas).